

Homofobia e cartografia: marcas do medo na Avenida Paulista

.....Luan Carpes Barros Cassal

“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende bastante de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“O lugar não me importa muito...”, disse Alice.

“Então não importa que caminho você vai tomar”, disse o Gato.

“...desde que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice em forma de explicação.

“Oh, você vai certamente chegar a algum lugar”, disse o Gato, “se caminhar bastante”.

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas

Introdução

Madrugada de 14 de novembro de 2010. Avenida Paulista, o coração de uma cidade que nunca dorme. Um grupo de jovens anda pela calçada, conversando, brincando. Em uma pilha de lixo, eles encontram uma lâmpada fluorescente. Passam a carregá-la. Subitamente, utilizam-na para agredir outros rapazes que vinham em sentido contrário.

Estas imagens foram registradas por câmeras de segurança e exibidas em rede nacional, trazendo a homofobia para as manchetes de jornal. As famílias de agressores e agredidos são ouvidas. O assunto é debatido no cotidiano, com uma pergunta-chave: afinal, o que esses rapazes fizeram para apanhar? Algumas respostas apontam para uma condição psíquica adoecida dos agressores, os ‘homofóbicos’. Outras entendem que esse evento não aconteceria sem uma provocação, uma cantada ou uma manifestação de gênero inadequada. Enquanto isso, em dezembro de 2010, a prefeitura de São Paulo produz um ‘mapa da homofobia’, que identifica que a área do Centro (incluindo os arredores da Avenida Paulista) como a mais perigosa da cidade, com metade das denúncias de violências³⁷.

37 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/sp-mapa-da-homofobia-mostra-que-avenida-paulista-centro-concentram-agressoes-2914036>>. Acesso em: 04 out. 2011.

Homofobia. Termo criado por um psicólogo clínico em 1972, que “agrupou dois radicais gregos ὁμός (semelhante) e φόβος (medo) – para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades” (JUNQUEIRA, 2007, p.3). De acordo com Borrillo (2010, p.34), significa a “hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”. Um ‘medo patológico’ supostamente individual que fabricou um medo disperso, difuso, delineando corpos e ruas.

A homofobia instiga a muitas questões de pesquisa. O que motiva o comportamento dos agressores? Como ficam as vítimas? De que maneira o Estado pensa a segurança pública?

Cada pergunta inaugura uma jornada única, viagens que fabricam realidades, constroem verdades, produzem subjetividades. Dizem respeito ao modo como entendemos sexualidade, violência, cidade, humano, dentre outras coisas. Já a escolha metodológica, é o meio de transporte. Diz do conforto, da velocidade, do percurso possível, dos desvios e atalhos necessários, dos custos e do impacto ambiental.

O presente trabalho é um desdobramento da dissertação de mestrado intitulada “Tiros, lâmpadas, mapas e medo: cartografias da homofobia como dispositivo de biopoder”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em março de 2012. Memórias produzidas a partir de uma viagem, gravadas em pequenos fragmentos, como fotografias, anotações, materiais informativos, cartões-postais. Este texto traz algumas questões sobre a construção de uma cartografia que acompanhe a homofobia na fabricação de corpos, performances de gênero e do próprio espaço urbano. Para tanto, o caminho metodológico precisa se haver com critérios políticos, levando em conta as possibilidades e criações, para analisar os processos produtivos em curso, deixando de lado um juízo transcendente (DELEUZE, 1990). A escolha de uma metodologia produz mundos, e está sempre implicada com relações de poder.

A homofobia desenha a cidade

Em uma madrugada de março de 2011, um jovem homossexual, pesquisador e morador do Rio de Janeiro, caminhava sozinho nas proximidades da Avenida Paulista, em São Paulo. Ele era um viajante a passeio, retornava de uma ‘balada’ para sua hospedagem. De repente, lembrou-se do acontecimento de Quatorze de Novembro; do medo de amigos cariocas e paulistas com aquele território;

dos pedidos de cuidado e dos discursos sobre perigo. O jovem sentia o frio da noite, estava atento a suas luzes e sons. E sentiu medo.

O medo não se configurou em nenhuma agressão a seu corpo; não sabia que se encontrava a quase dois quilômetros do local da violência de 14 de Novembro. Lembrava-se das notícias que continuavam a aparecer nos noticiários, das imagens com fotos de sangue e corpos em jornais e cartazes, bem como nas campanhas divulgadas nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) pela criminalização da homofobia.

O jovem era um viajante em uma cidade considerada conhecida, que se mostrou surpreendente. Depois de anos visitando São Paulo, apenas depois da lâmpada as ruas tornaram-se escuras e aterradoras. O medo era uma experiência difusa, que o tirava dos percursos habituais. A força da cidade construiu os mapas que interrogavam a homofobia. Nas palavras de Rolnik (1989, p.67): “O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão”.

Se a pós-graduação exigia do jovem que estudasse, foi a cidade que o fez pesquisador. O dispositivo da sexualidade, que produz e regula modos de viver (FOUCAULT, 1988), continuava a operar naquela noite; mas também produziu fricções e resistências que tomaram evidência e demandaram um mapa para lhe fazer sentido.

Podemos dizer que o campo de pesquisa se produziu com o pesquisador. Não entendemos a díade sujeito-objeto de pesquisa como essências fixas e estruturadas, mas que a constituição do sujeito como tal se dá por construções sociais, localizadas historicamente, em suas relações com o mundo e suas apreensões da experiência de existir, atravessadas por diversos elementos. Ou seja, considerando os processos de produção de subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1996). De acordo com Kastrup (2007, p. 204): “O conceito de subjetividade é indissociável da ideia de produção. Produção de formas de sensibilidade, de pensamento, de desejo, de ação. Produção de modos de relação consigo mesmo e com o mundo”.

A pesquisa pede uma aposta metodológica, de como fará sentido para as forças que marcam os corpos e as relações. De início, a metodologia nada mais é que uma aposta, uma viagem sem rumo certo. No caminho, constrói instrumentos, produz dados, faz análises, desenha formas e forças, escreve registros. Constrói mapas, e não decalques. Kastrup (2009, p.32) discorre que: “A cartografia é um método [...] que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar processos de produção”. Passos e Barros (2009, p.17) complementam que “a cartografia reverte o sentido tradicional de

método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa [...] o primado [é] do caminhar que traça, no percurso, suas metas”.

Técnicas investigativas que representam objetos estáticos (operando como uma fotografia) não registram a multiplicidade dos movimentos. Deleuze e Guattari (1995) dizem que a opção metodológica consiste em fazer um mapa, que não tem um ponto central, mas acompanha movimentos, se transforma. Uma topografia dos processos de produção de subjetividade, de realidades que não têm um ponto final.

O trabalho com cartografia envolve habitação este território de intensidades para fazer falar os afetos e forças circundantes – uma atitude que não pode ser aprendida nos livros, mas na prática da cartografia. Ora, para habitar um território não basta ‘observá-lo’; é preciso mergulhar com processos de produção de subjetividade já em curso. Deste modo, é uma entrada sempre pelo meio, e um caminhar conjunto com os processos, em passos sucessivos, deixando uma série de pegadas no caminho (KASTRUP; BARROS, 2009). Kastrup (2009) entende ainda que a atenção deve estar aberta a diferentes momentos, de ‘voos’ e ‘pousos’, compondo um movimento complexo. Como fazer cartografia não significa representar objetos, o corpo do pesquisador deve se preparar para o desenho de mapas móveis.

A experiência da Avenida Paulista marcou o corpo do jovem e a memória da viagem. Apareceu em conversas e transformou-se em texto. São Paulo ganhou novos significados, assim como a homofobia. Afinal, os efeitos da pesquisa atravessam pelo menos quatro níveis: o pesquisador, o processo estudado, a questão da pesquisa e o campo do conhecimento (KASTRUP, 2008). Tais efeitos não dependem da intencionalidade do pesquisador, nem se organizam de forma linear ou hierárquica. Trata-se da produção do múltiplo, do diverso. Pois os efeitos são menos peças de um quebra-cabeça (com uma imagem delimitada que precisa ser encaixada da maneira correta) e mais pistas de um – bom – romance policial (onde cada pista muda a história, e mesmo a conclusão não dá certeza de uma verdade).

A experiência de investigação marca o corpo do cartógrafo pois, como afirma Kastrup (2007, p.153), “o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas é capaz de inscrever-se e marcar-se histórica e culturalmente”. É mais que o corpo aprisionado do indivíduo, representado pela fisiologia; um corpo sensível aos desejos que circulam e a tensão entre fluxos produtivos e representações instituídas.

Mas pelo que será marcado? Por processos de produção de subjetividades, efeitos de relações de saber-poder. De acordo com Deleuze (2005), os estratos históricos são atravessados por linhas de dizibilidade (regimes discursivos) e

de visibilidade (regimes de organização). Para o autor, o cartógrafo se debruça sobre diagramas³⁸, que consistem na “exposição das relações de forças que constituem o poder” (DELEUZE, 2005, p.46). Um mapa (ou genealogia) das relações de poder que atravessam as microrrelações, que produzem as instituições e organizações sociais. Os corpos são mapas com pistas sobre o momento histórico que vivemos, que a análise das implicações transforma em texto escrito e conecta com os diversos atravessamentos que nos constituem.

O jovem que viajou a passeio se viu trabalhando na fabricação contínua de um imenso dispositivo da sexualidade, tendo os processos de produção de subjetividade como matéria-prima. Conforme aponta Louro (2004, p. 13), “só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante”. O medo e a produção de conhecimento eram parte desse processo. Isto porque pesquisar não tem como objetivo ‘revelar’ verdades que estavam anteriormente ocultas. Acompanhar os efeitos do dispositivo da sexualidade, entendendo seu caráter produtivo e não repressivo, é também construir outras formas de olhar o mundo e a nós mesmos – corpo, sexo, subjetividade, relações.

Pesquisar não se trata de um processo simples. A cartografia não é uma habilidade ou competência técnica, mas uma “*performance*” (KASTRUP, 2009, p.48, grifo da autora) – precisa ser desenvolvida e produzida pelo pesquisador como uma forma de experimentação do mundo. O que define o cartógrafo não é um procedimento, mas uma forma de produzir sua sensibilidade (ROLNIK, 1989).

Emaranhado na experimentação que se tornou texto, o pesquisar acompanhou processos que se desenrolam. Ou, nas palavras de Kastrup e Barros (2009, p.76): “Os fenômenos de produção da subjetividade possuem como características o movimento, a transformação, a processualidade”. O tempo é um dado importante; não um tempo progressista e linear, mas que se interrelaciona de diversas formas. Deste modo, a história só tem sentido relacionado ao presente, que se transforma o tempo todo (FOUCAULT, 1984).

Aquela era uma rua escura como tantas outras. Mas tornou-se um território de medo, um temor específico relacionado a um marcador sobre a sexualidade. O medo de uma possível violência regulou o corpo, tornando sua performance mais adequada às normas sexuais, e retirando a possibilidade de vivência prazerosa da existência e do caminhar pela cidade noturna. Sem mais transgressões de

38 Bacca, Pey e Sá (2004) e Deleuze (2005) chamam de ‘diagramas de poder’ estas organizações das relações de poder que produzem e mantêm certo regime de verdade em determinado período histórico, apontando que cada época tem seu diagrama.

gênero, que fazem paródia das normas. Nada de cantadas, encontros e prazeres. Um corpo docilizado, que toma a cidade como lugar do desencontro e desencanto.

Para além da regulação individual, o medo da homofobia fabricou desejos veiculados por meios de comunicação. Primeiro, pela vigilância de um agente de Estado: talvez a presença de um policial coibisse os comportamentos transgressores – de gênero e da lei. A Avenida Paulista, esvaziada pelo medo de ditos indivíduos-homofóbicos, que poderiam rondar esse território. A cidade que nunca dorme se recolhe assustada a seus apartamentos protegidos e clama por mais policiamento. Ao estudarem a obra de Foucault, Bacca, Pey e Sá (2004) entendem que a maior eficácia da disciplina não está em produzir o indivíduo mais bem adaptado de acordo com as normas, mas fazer com que todos façam parte da instituição disciplinar, acreditando que precisam disso e que isso seja o melhor para si próprios.

Além disso, potenciais agressores são identificados por estudos que “conseguiram demonstrar que alguns fatores – tais como idade, sexo, nível de estudos, meio social, além de filiação religiosa ou política – constituem variação do problema [de hostilidade com os homossexuais]” (BORRILLO, 2010, p.97-98). Para contê-los, um projeto de lei de criminalização da violência homofóbica, que constranja a comportamentos e encarcere transgressores. Estratégias noticiadas por diversos veículos de comunicação, embasadas na defesa de uma homossexualidade natural, frente a uma homofobia anormal e patológica.

O medo ganha estatuto de verdade relegando, portanto, outros discursos à sombra (CANDIOTTO, 2010); e o medo é, por si só, o ‘discurso que cala’ (BACCA; PEY; SÁ, 2004). O medo com estatuto de verdade é um discurso totalitário, que não aceita discussões nem questionamentos. Prática de controle, de esvaziamento político e eliminação das diferenças. O medo como verdade é uma política genocida da multiplicidade:

A fragmentação e a dispersão do desamparo fazem com que o espaço público seja construído sobre o discurso do medo. A solução é encontrar um inimigo comum e ‘unir forças num ato de atrocidade comunitária’. O que não pode constar no script é alguma pessoa que não queira ‘participar do clamor público e cuja recusa lance dúvidas sobre a correção e justiça do ato’. (BATISTA, 2003, p.97)

Pelbart (2009) entende que o regime de produção de subjetividade universalizante se mantém porque produz de forma industrial e controlada o desejo de milhões de pessoas. Compramos formas de viver que consumimos sem nem questionarmos, porque são entendidas como naturais, dadas como universais, fa-

bricando corpos docilizados, populações reguladas e uma cidade asséptica. Cartografar estes processos e, mais especificamente, desnaturalizar a produção de medo da homofobia, é modificar as relações de poder estabelecidas. Os mapas podem servir para potencializar transformações sociais.

A produção pré-fabricada de desejos pelo enfrentamento hegemônico da homofobia não é de fácil percepção. Faz-se necessário um instrumento de reflexão, que recupere e relacione as várias forças que compõem as experimentações. Do mesmo modo, os efeitos da produção de conhecimento fazem parte do processo de pesquisa, através de uma análise das implicações. Para Lourau (1993), isso significa levar em consideração as condições da pesquisa e os lugares que ocupamos – implicações financeiras, políticas, de desejo, relações de poder. Se estes acontecimentos eram considerados erros de uma pesquisa, agora tornam-se importante material de análise (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008). É uma mudança no lugar tradicional da produção de conhecimento e também do cientista, pois aposta em um intelectual implicado, “cujo projeto político inclui transformar a si e a seu lugar social, a partir de estratégias de coletivização das experiências e análises” (LOURAU, 1993, p.85).

A Avenida Paulista é o território da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a maior do Brasil e uma das maiores do mundo. Conforme aponta Teixeira Filho (2011), as manifestações afetivas na Parada LGBT afirmam o direito a existir à luz do dia: “Se nessa parada há pessoas transando nas ruas, não é senão para sinalizar onde é que reside a nossa opressão” (TEIXEIRA FILHO, 2011, p.63). Entretanto, a produção de visibilidade uma vez por ano não é o suficiente para tornar este território seguro aos modos de existência foram da norma heterossexual. Há algo aí que produz estranhamento.

O jovem que andava pela Avenida Paulista, com medo, carregava diversas histórias. As lâmpadas fluorescentes o ameaçavam. As memórias da Avenida Paulista como palco da Parada do Orgulho LGBT e um território de múltiplas possibilidades retornavam e pareciam não fazer sentido naquele novo contexto. As experiências como militante de diversidade sexual recuperavam as histórias, demandas e urgências extremamente variadas de acordo com atravessamentos geográficos, de gênero, de etnia, de poder aquisitivo, de geração. Os estudos sobre sexualidade e gênero recuperavam a possibilidade de construir variadas performances, inclusive como formas de resistência. As falas de amigos e familiares sobre o risco da noite de São Paulo reverberavam como uma profecia prestes a se realizar.

Para suportar a ordem heterossexual e manter seu funcionamento, o dispositivo da sexualidade produz contínuos investimentos. A normatização dos corpos é um esforço, uma produção de si marcada por violência e sofrimento. Entretanto, a eliminação do modo de existir, naquele momento, foi sentida como aceitável frente uma possível supressão física do corpo. A lâmpada de 14 de Novembro deixou marcas no corpo do jovem, mesmo sem atingi-lo diretamente; produziu um corpo docilizado, que quando circulava no espaço público era de acordo com as normas que tanto insistiu em transgredir.

Os desdobramentos do cartografar

Os efeitos dessa produção de conhecimento fazem parte do processo de pesquisa, através de uma análise das implicações o que, para Lourau (1993), significa levar em consideração as condições da pesquisa e os lugares que ocupamos – implicações financeiras, políticas, de desejo, relações de poder. Se estes acontecimentos eram considerados erros de uma pesquisa, agora tornam-se importante material de análise (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008). É uma mudança no lugar tradicional da produção de conhecimento e também do cientista, pois aposta em um intelectual implicado, “cujo projeto político inclui transformar a si e a seu lugar social, a partir de estratégias de coletivização das experiências e análises” (LOURAU, 1993, p.85).

A análise de implicações ocorre durante toda a pesquisa. Entretanto, depois da viagem, escrevendo, revendo registros anteriores, lendo textos, participando de eventos, recolhendo memórias, algo acontece. Para Kastrup (2009, p.21), “trata-se [...] de obedecer às exigências da matéria e de se deixar atentamente guiar, acatando o ritmo e acompanhando a dinâmica do processo em questão. [...] Mais que domínio, o conhecimento surge como composição”. Na (con)fusão dos processos de pesquisa, as marcas de medo no corpo tornaram-se dados preciosos para repensar conceitos pré-definidos sobre a própria experiência em São Paulo.

Pensar a análise de implicações, enquanto um processo que nos possibilita perceber este devir constante que somos, é entendê-la como uma importante ferramenta de trabalho e de vida. É estranhar e recusar as essências, as naturalidades normalmente vinculadas ao eterno, à ahistoricidade. É, portanto, afirmar o diverso. (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008, p.147).

A análise de implicações coloca em evidência os processos interventivos na produção de conhecimento, a invenção de mundos. A pesquisa se dá sem distanciamento, no próprio plano de experiência; neste caso, andando pelas ruas de

medo. De acordo com Passos e Barros (2009, p.18), “se trata de transformar para conhecer e não de conhecer para transformar a realidade”. E acrescentam:

[...] o que Lourau designa de implicação diz respeito menos à vontade consciente ou intenção dos indivíduos do que às forças inconscientes (o inconsciente institucional) que se atravessam constituindo valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, isto é, as formas que se instituem como dada realidade. A análise é, então, o trabalho de quebra dessas formas instituídas para dar expressão ao processo de institucionalização. (PASSOS; BARROS, 2009, p.19-20).

De acordo com Coimbra e Nascimento (2008), a implicação é do mundo, está nas relações que estabelecemos com as diversas instituições que atravessam e constituem nossos corpos, nossas existências, e apontam que “utilizar a análise das implicações é tornar visível e audível as forças que nos atravessam, nos afetam e nos constituem cotidianamente”. Perguntar quais mundos pretende inventar, sem garantia nenhuma de que se concretizarão.

Falar sobre análise de implicações e produção de subjetividade faz pensar sobre os papéis da pesquisa. De acordo com Kastrup e Barros (2009, p.78), o método de pesquisa não ilumina uma realidade dada a priori, pois “a realidade é feita de modos de iluminação e de regimes discursivos. O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não havendo nada antes dele, nada por debaixo dele”. Pesquisar atravessa esses estratos, produzindo conexões e mudanças. Não por acaso, Kastrup (2009, p.33) coloca que “não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados de pesquisa. A formulação paradoxal de uma ‘produção de dados’ visa ressaltar que há uma real produção, mas do que, em alguma medida, já estava lá de modo virtual”.

De acordo com Passos e Barros (2009), o cartógrafo acompanha o processo de construção de um objeto, lado a lado, o que sempre produz intervenção, pois intervêm nos eixos estabelecidos de organização do pensamento e da sociedade (hierárquica, individualizante e estanque). Rolnik (1989, p.66) aponta a necessidade de que o cartógrafo esteja “atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar”. Desta maneira, o mais importante é encontrar estratégias que potencializem as intensidades (fluxos de forças) que atravessam seu corpo no encontro com os territórios experimentados, desestabilizando seus mapas. Deleuze (1990), por sua vez, discorre que a cartografia vai acompanhar e desfazer o emaranhado de linhas que forma um disposi-

tivo, sendo necessário estar instalado nelas e atravessá-las, arrastá-las. Em certa medida, é preciso enrolar-se.

Romper com o modelo de pesquisa baseado na representação não é uma tarefa fácil. Não há trajetórias pré-estabelecidas, nem fórmulas e receitas prontas. À primeira vista, um processo inseguro. Mas com o passar do tempo, torna-se deliciosamente desafiador: ser ator no processo de construção de outras relações sociais e formas de estar no mundo. Pois a cartografia pretende desenhar os fluxos de forças que produzem agenciamentos (composições produzidas por afecção mútua), dando conta de seus movimentos permanentes (POZZANA DE BARROS; KASTRUP, 2009). Não se trata de um trabalho estático, monótono e repetitivo, mas sim um processo dinâmico, de criação. Vale destacar ainda que a escrita tem um papel fundamental na cartografia de apontar a dimensão coletiva da pesquisa, posto que o cartógrafo é atravessado pelas múltiplas forças que compõem o campo e a ele próprio.

De acordo com Kastrup e Barros (2009), a cartografia precisa de dispositivos que façam ver e falar discursos e forças que operam no campo. São agenciamentos de linhas produtivas, com múltiplos efeitos. A sexualidade funciona em um dispositivo de produção regulada; mas esse dispositivo pode conectar a outros, ser internos ou externos a outros dispositivos, e mesmo se deslocar nesses processos (KASTRUP; BARROS, 2009). A homofobia é um dispositivo, articulado com a sexualidade, que ganha outros sentidos ao ser registrado na análise de implicações. É um dispositivo de pesquisa, o que é fundamental na cartografia, pois faz ver e falar as visibilidades e dizibilidades, as lutas de cada época, o que revela o diagrama e os acontecimentos de suas transformações. Acompanhar histórias não é representar um passado imutável, mas fazer emergir forças não tão visíveis, que colocam em análise nosso próprio presente (FOUCAULT, 1979d; KASTRUP; BARROS, 2009).

Usar os dispositivos para promover crises, desestruturações, que permitam pensar sobre o mundo e, assim, inventar novos mundos. A crise, para Barenblitt (1994), significa desequilíbrio em um processo de funcionamento mais ou menos regular, ocorrido pelo desgaste de um dispositivo e/ou a interferência de forças e acontecimentos, sendo um espaço fecundo para a análise dos instituídos. De acordo com Lourau (2004), se a crise não está estabelecida, use o dispositivo para fazê-la emergir; por outro lado, estando esta colocada, acompanhe os analisadores, “que fazem aparecer, de um só golpe, a instituição ‘invisível’” (LOURAU, 1993, p.35) – as relações de poder e, assim, produzir uma análise social coletiva das relações de força instituídas. Nesta perspectiva, a crise é fecunda: “a análise

de implicações retira-nos dos portos seguros, dos caminhos lineares e conhecidos, da paz das certezas, jogando-nos em alto mar, no turbilhão das dúvidas, da diversidade e dos contornos indefinidos” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008, p.148). Sobre o instituído, Lourau (1993, p.90) aponta que “é o que se impõe como uma verdade não produzida. Corresponde à ideia de universalidade e é, como tal, aparentemente abstraída de concretude material”. O dispositivo da sexualidade é, então, um instituído, que está dado como verdade naturalizada (CANDIOTTO, 2010).

A cartografia utiliza analisadores para problematizar o instituído; pois estes dispositivos (metodológicos) movimentam-se, produzindo fissuras e rachaduras no instituído. A direção da pesquisa é a produção de diversidades, e os materiais foram colhidos a partir de afetações, já que:

[...] quem quer tratar, através da genealogia, de um problema surgido em um dado momento, deve seguir outras regras [diferente de quem estuda um período ou instituição]: escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; estabelecimento das relações que permitem essa solução. E, portanto, indiferença para com a obrigação de tudo dizer; mesmo para satisfazer o júri dos especialistas convocados. (FERREIRA NETO, 2010, p.131).

O dispositivo da sexualidade produz seus próprios movimentos de resistência. A cartografia possibilita dar novos usos aos fluxos que o constituem. Apostar em um dispositivo de pesquisa é colocar em análise o instituído por dentro, tensionando suas inconsistências. Os incômodos do medo deslocam o lugar instituído da sexualidade e da homofobia, marcando a experimentação de corpos a partir da circulação por uma cidade. Fazer esses mapas é também destruir, reconstruir, apontar novos significados.

Algumas considerações

A cartografia não é uma metodologia simples, e nem barata. Um caderno de anotações é de fácil aquisição; um computador para registro e a internet para contato eram itens acessíveis. Mas o corpo não sai incólume desta experiência. Atravessado por forças, marcado por experiências, disciplinado pelo exercício da escrita, desorganizado por afetos – o corpo que concluiu a pesquisa estava muito diferente daquele que a iniciou.

O corpo do pesquisador encontrou-se com a homofobia ao circular na cidade, ao navegar na internet, ao notar notícias e nas conversas. Não sofreu uma

violência física, materializada, que caracterizasse a homofobia. O encontro com a homofobia se deu pelos seus efeitos, mais particularmente o medo. São Paulo deu visibilidade a este medo, fabricando corpos, delimitando trajetos na cidade, restringindo formas de relação. De forma potente, o medo se estabelece como verdade. Imprevisível, a homofobia coloca todos os sujeitos em xeque: marca o mundo ‘bárbaro’ e ‘impuro’ em que vivemos, demandando correções. Reafirma a ‘limpeza’ das diferenças como solução, enquanto justifica eliminações silenciosas dos indesejados. O medo não só produz controle: faz com que imploremos por ele. Por outro lado, mesmo atravessado pelo medo, o cartógrafo retorna a São Paulo e tem prazer em suas ruas.

Ao longo do viajar de pesquisa, construímos mapas na tentativa de quebrar a naturalização cada vez maior da homofobia, para que outros sentidos possam competir com a noção hegemônica. Por uma escolha política, preferimos abrir mão das imagens de violência difundidas em veículos de comunicação; não acreditamos no reforço do medo, que mantém as violências e o controle dos corpos. Intervenções outras devem emergir, rachando o funcionamento do dispositivo da sexualidade. Nossa aposta está em caminhos alternativos à produção de medo, posto que este produz esvaziamento dos espaços públicos, dos encontros e das pluralidades, além de reforçar políticas de eliminação e exclusão. É possível construir outros sentidos para a cidade, que não precisem passar pelo controle e pela ordem.

Como a cartografia trabalha com territórios em constante transformação, que são os processos subjetivos, o mapa não se pretende completo. Os mapas não são guias: quem tentar segui-los literalmente, não encontrará as mesmas coisas. Os mapas são pistas para novas formas de se perder, para a construção de outros sentidos possíveis sobre a homofobia, o medo, a sexualidade, as ruas, os corpos, as lâmpadas fluorescentes e os arco-íris. São instrumentos processuais de análise, produzido ao mesmo tempo em que se fabrica o cartógrafo. Espaços vazios, incongruências e linhas de fuga interessam, pois deixam abertura para outras interrogações e novos mapas. Agora, cabe ser afetado e produzir novas cartografias, se você assim desejar.

Referências

- BACCA, A. M.; PEY, M. O.; SÁ, R. S. *Nas pegadas de Michel Foucault: apontamentos para a pesquisa de instituições*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- BATISTA, V. M. *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BORRILLO, D. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CANDIOTTO, C. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COIMBRA, M. C. B.; NASCIMENTO, M. L. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: GEISLER, A. R. R.; ABRAHÃO, A. L.; COIMBRA, C. M. B. *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 143-153.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? (¿Que és un dispositivo?) In: *Michel Foucault filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://escolanomade.org/textos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 06 jun 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, volume 1*. São Paulo: Editora 34, 1995.

FERREIRA NETO, J. L. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. *Memorandum*, n. 18, 2010, p. 130-142.

FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Subjetividade e História. In: *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas: Estudos gays, gêneros e sexualidades*, v. 1, 2007, p. 1-22.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (org). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489.

_____. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: BARROS, R. B.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-51.

_____; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: BARROS, R. B.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-91.

LOURAU, R. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, R. *A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização*. Disponível em: <http://www.alb.com.br/cdteste/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Consultado em: 01 set. 2011. Texto datado de 2007.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: BARROS, R. B.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.17-31.

PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

POZZANA DE BARROS, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: BARROS, R. B.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.52-75.

TEIXEIRA FILHO, F. S. Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (org). *Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: CFP, 2011, p. 49-66.

■.....**Luan Carpes Barros Cassal** é psicólogo da Secretaria Municipal de Educação e Cultural de Itaboraí (RJ). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou artigos e capítulos de livro sobre biopoder, diversidade sexual e de gênero, políticas públicas de educação. Contato: luancassal@gmail.com.